# Aula 3

## IMPÉRIO BIZANTINO

**META**

Estudar a história do Império Bizantino destacando continuidades e rupturas em relação ao Império Romano do Ocidente.

**OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Identificar as circunstâncias que favoreceram a longevidade do Império Romano do Oriente;

Enfatizar as semelhanças e diferenças entre o Império Romano do Ocidente e o do Oriente;

Destacar as principais características do Império Bizantino.

**Lenalda Andrade Santos**
**Bruno Gonçalves Alvaro**

# INTRODUÇÃO

Caros alunos. Tradicionalmente o conteúdo curricular de História ou a parte dos conteúdos trabalhados pelos professores reserva um pequeno espaço para o estudo do Império Bizantino, visto em geral como uma sobrevivência do Império Romano.

Mas o Império e a civilização que nele se desenvolveu, a Bizantina, representam muito mais que uma continuação, pois que, embora preservando parte da cultura clássica, ela desenvolveu uma grande autonomia em relação à tradição romana.

Por volta do século VIII, à medida que o Império Bizantino se distância da cultura ocidental, mais se aproxima da do Oriente. Desta forma vai se compondo uma síntese entre o mundo greco-romano e o mundo oriental, síntese que distinguirá a cultura bizantina em relação à dos romanos.

Pela sua localização privilegiada entre a Europa e a Ásia, na passagem do mar Egeu para o mar Negro, o Império Bizantino, tanto se beneficiou como foi prejudicado pelo fato de situar-se num ponto de convergência de povos de diferentes origens. Ao mesmo tempo em que a posição geográfica favorecia os contatos e ajudavam no enriquecimento da sua cultura, ela também o expunha aos constantes riscos de invasão.

Enquanto dispôs das condições necessárias para a resistência aos ataques, especialmente daqueles desfechados pelos muçulmanos, Bizâncio não só defendeu suas próprias fronteiras como impediu ataques aos cristãos ocidentais. Mas, ao fragilizar-se, acabou vítima dos Turcos que invadiram e acabaram com o Império Bizantino no ano de 1453.

Mapa de Constantinopla (Ramos, Luciano. Os Reinos Bárbaros - São Paulo: Ática, 1993. p. 31).

## O IMPÉRIO BIZANTINO

No início da aula anterior, que teve como tema as invasões dos bárbaros, referimo-nos à divisão do Império Romano no ano 395 d.C. e prosseguimos analisando os fatos relativos à sua parte ocidental. Neste nosso encontro vamos falar do Império do Oriente. Comecemos pela sua localização e pela explicação do nome.

Data do ano 330 da Era Cristã a fundação, pelo imperador Constantino, de uma cidade à qual deu o nome de Nova Roma, mas que logo ficou conhecida como Constantinopla e que se tornou a capital da parte oriental do Império Romano após o seu desmembramento. Por ter sido edificada no local anteriormente ocupado pela colônia grega de Bizâncio, seu nome tornou-se denominação do Império que abrigou uma das mais poderosas sociedades da região do Mediterrâneo.

"Construída numa encruzilhada de importantes rotas marítimas e terrestres (via marítima entre o mar Negro e o mar Mediterrâneo, vias terrestres da Europa Continental ao Índico e do vale do Danúbio ao do Eufrates), estava fadada a tornar-se simultaneamente um centro político e econômico de primeira grandeza. Em virtude de sua situação geográfica, Constantinopla seria ao mesmo tempo potência marítima e continental." (GIORDANI, 1968, p. 38).

Beneficiada por essa localização estratégica entre a Europa e a Ásia, na passagem do mar Egeu para o mar Negro, Constantinopla acabou se tornando representante, do ponto de vista cultural, da síntese entre o mundo greco-romano e o mundo oriental. Sua localização no mapa atual corresponde à de Istambul, principal cidade da Turquia.

Mas a localização privilegiada de Constantinopla não garantiria, por si só, o poder e a grandeza do Império Bizantino. Eles resultaram de um conjunto de circunstâncias favoráveis, as quais ajudaram o Oriente a avançar numa situação inversa à do Império do Ocidente. Ao invés da acentuação da crise iniciada no século III, no quadro apresentado pelo Império Oriental no século seguinte o mesmo "permanece urbano, animado e brilhante." Cidade importantes como Bizâncio, Tessalônica, Antioquia e Alexandria, continuavam a prosperar. "Cidades cosmopolitas onde o comércio vai a par da indústria, especialmente da indústria de luxo; onde as especulações filosóficas e seguidamente teológicas continuam nas escolas, e cujas riquezas asseguram uma nova arte impregnada de asiatismo." (GIORDANI, 1968, p. 17).

Segundo Perroy, "foi a foça interna do Império do Oriente que impediu os bárbaros de conquistar, em Constantinopla, a plenitude do poder, de atra vessar o Bósforo e os Dardanelos, e que os levou, mal se apresentou uma oportunidade, a preferir a estada numa terra do Ocidente." (1964, p. 37).

Desta forma, enquanto o Império Romano do Oriente dispunha de

melhores condições para resistir aos ataques dos bárbaros, o Império Ocidental sucumbiu frente ao invasor. E desse ponto em diante o rompi- mento entre as duas partes do antigo Império tende a acentuar-se, muito embora o imperador bizantino se mantenha até o século VIII como autoridade nominal sobre tudo o que restou do Antigo Império.

São três os motivos principais que levam a um gradativo afastamento do Império do Oriente em relação à parte ocidental da Europa: a prosperidade material e intelectual de Constantinopla, divergências religiosas e o desvio das correntes bárbaras para o Ocidente.

A ascensão ao poder do imperador Justiniano no ano de 527 marca o início de uma fase diferente na história do Império Bizantino, a do enfrentamento dos povos bárbaros, numa tentativa de reconstrução do Império Romano. Como resultado, as fronteiras do Império Bizantino se estenderam pela península Balcânica, Ásia Menor, Síria, Palestina, norte da Mesopotâmia e nordeste a África.

Mas os bizantinos não conseguiram manter por muito tempo o controle sobre a península Itálica, perdida para os ostrogodos e lombardos. Mais tarde os territórios da África e da península Ibérica foram conquistados pelos árabes, que também tomaram o Egito, a Palestina, a Síria e a Mesopotâmia.

Embora não tenha alcançado a reunificação do Império Romano, Justiniano foi responsável por uma obra legislativa tão importante que se tornou uma marca do Império Bizantino. “Encarregou uma comissão de elaborar o Digesto, uma espécie de manual de Direito destinado aos principiantes. Publicado em 533, esse manual reunia as leis redigidas por grandes juristas. No mesmo ano foram publicadas as Institutas, com os principais fundamentos do Direito Romano; e no seguinte, foi concluído o Código Justiniano. As três obras – que no fundo eram uma compilação das leis romanas desde a República até o Império – foram depois reunidas numa única obra, o Corpo do Direito Civil.” (ARRUDA; PILETTI, 1999, p. 111).

A partir de então, o Estado bizantino adquire certos traços que não mais se apagarão e que, a bem dizer, resultam de uma evolução já em marcha desde Constantino. Em primeiro lugar, integração da Igreja ao Estado. No Ocidente, a Igreja é hostil aos príncipes germânicos, quando são arianos; ou, então, devido à sua inferioridade cultural e às suas insuficiências administrativas, emancipa-se da sua tutela. No Oriente, o Estado identifica-se com uma vontade de governo cuja mola é a religião, mas onde a religião se acha sob o controle deste Estado tão cristão como ela. Através dos fiéis, e também do Estado, a Igreja recebeu riquezas e poderio; seus patriarcas, particularmente o de Constantinopla, são personagens de peso. “Mas é o imperador que comanda, mesmo em questão de fé, indiferente ao pensamento do papa da longínqua Roma: é o exemplo mais avançado do que se denomina cesaropapismo.” (PERROY, 1964, p.40).

CONSTANTINOPLA NO SÉCULO VI

Visto que o imperador [Justiniano] mantém aqui [em Constantinopla] a sua residência, resulta da grandeza do Império que uma multidão de homens das mais variadas condições chegam à cidade, vindos de todas as partes do mundo. Cada um deles é levado a vir ou por alguma necessidade de negócios ou por qualquer esperança ou por acaso; e muitos na verdade vêm por os seus negócios não se encontrarem em feliz situação na terra natal a fim de fazerem uma petição ao imperador; e todos estes passam a residir na cidade por qualquer obrigação urgente, iminente ou ameaçadora. A juntar às outras dificuldades estas pessoas também têm necessidade de alojamentos, sendo incapazes de pagar o aluguel aqui. Esta dificuldade foi-lhes totalmente resolvida pelo imperador Justiniano e pela imperatriz Teodora. Muito perto do mar, no local chamado Estádio (porque em tempos antigos, suponho, se destinava a jogos de qualquer espécie), construíram uma muito grande hospedaria destinada a ser vir de alojamento temporário àqueles que assim se encontrassem embaraçados" Procópio de Cesaréia. (PEDRERO-SÁNCHEZ, 2000, p. 47)

Monofisismo

Movimento religioso surgido em torno da discussão sobre as duas naturezas de Cristo: a divina e a humana. Para os monofisistas Cristo possuía apenas uma natureza, a divina.

Justiniano também aproximou o Império Bizantino da Igreja do Ocidente e do papa e intermediou conflitos entre a Igreja e seguidores do Monofisismo. No ano de 532 enfrentou uma revolta interna – chamada revolta de Nika, resultado da insatisfação gerada pela cobrança de impostos e pela questão da legitimidade do seu poder. Após a morte de Justiniano, o Império viveu uma fase marcada por dificuldades financeiras, pelos ataques de árabes e de búlgaros que tentavam invadi-lo e por uma sangrenta disputa religiosa em torno do movimento Iconoclasta, cujos seguidores eram contrários à adoração das imagens religiosas.

Convém aqui destacar a opinião de alguns especialistas para os quais o século VII marca o "fim do Império Romano do Oriente e o início de uma civilização cristã, de idioma grego e aspectos culturais heterogêneos, conhecida como Civilização Bizantina." (ATLAS DA HISTÓRIA DO

MUNDO, p. 112). Para Le Goff, “na primeira metade do século VIII, Bizâncio deixa de ser para o Ocidente um poder tutelar, salvo em raras regiões mantidas sob sua dominação direta.” (2002, p. 131).

Alternando períodos de expansão das fronteiras com outros de recuo, o Império na verdade esteve todo o tempo sob a ameaça de invasão. Pressionado principalmente por árabes e turcos, o Império acabou sendo ocupado pelos últimos no ano de 1453, fato considerado por muitos estudiosos como marco do fim da Idade Antiga.

“A força de Bizâncio, independentemente de sua coesão religiosa, era dupla: os “temas”, distritos administrativos onde os camponeses recebiam terras e estavam prontos para defendê-las; e um exército e armada em geral constituídos por oficiais e tropas asiáticas nativas. No ano 1000 essas vantagens desapareceram. (Atlas da História do Mundo, p. 113).

Em geral os estudos sobre o Império Bizantino e a civilização que aí se desenvolveu destacam seu distanciamento do Ocidente e, ao mesmo tempo, sua maior aproximação com o oriente europeu. A propósito, encontramos num deles a afirmação de um filósofo, para quem, “o que Roma foi na Idade Média para o Mundo Ocidental e Germânico, Bizâncio o foi para o Mundo Grego, Eslavo e Oriental” (GIORDANI, p. 284).

Apesar de ter desenvolvido uma ligação maior com os povos com os quais manteve relações mais próximas, entendemos que a grande magnitude o legado bizantino às grandes correntes da Civilização, se estendeu também as que se desenvolveram no Ocidente europeu.

“Constantinopla, capital do Mediterrâneo” (Revista L’Histoire, n.319, abril de 2007. p. 34)

Segundo Giordani, "o Ocidente europeu em diferentes épocas teve também uma parte não desprezível no benfazejo influxo da refinada civilização bizantina. Volvamos as páginas da [.] História do Império Bizantino e encontraremos desde logo uma inestimável contribuição para o Ocidente: a defesa dos ataques muçulmanos à civilização cristã. O primeiro e grandioso legado de Constantinopla à nossa civilização foi ter sido durante muitos séculos o bastião contra o qual numerosas vezes se quebraram as ondas ameaçadoras de árabes e turcos. Mas o Ocidente europeu não se beneficiou somente com essa posição de milenar e vigilante sentinela do cristianismo adotada por Bizâncio. A capital do Império constituiu-se, em diferentes épocas, fonte inesgotável para a formação cultural dos povos ocidentais. Como intermediária entre o Oriente e a Europa, Constantinopla possibilitou a difusão não só de mercadorias, mas também de idéias. Assim é que a ciência dos persas, dos árabes e até mesmo dos chineses penetrou no Ocidente. A presença de Bizâncio na Itália, as relações comerciais com as repúblicas da península, as invasões normandas e, sobretudo as cruzadas estabeleceram forçosamente um intercâmbio cultural de que se beneficiou grandemente o mundo ocidental europeu. Muitos gregos, por diferentes razões de ordem econômica, política e religiosa, visitaram o Ocidente e aí difundiram suas idéias suas concepções de vida. Ocidentais, sobretudo italianos, não hesitaram em estabelecer-se em Constantinopla com o fim de haurirem nas melhores fontes as lições eternas da Grécia Clássica tão zelosamente continuada pelos humanistas bizantinos. Note-se que a conservação dos clássicos é por si só um título de imperecível glória para Bizâncio." (1968, p. 285).

A propósito ainda da relação entre as duas partes do Antigo Império Romano, é interessante um registro feito pelo medievalista Le Goff. Segundo ele, "os latinos nutrem pelos gregos uma mistura de cobiça e de desprezo que vem do sentimento mais ou menos reprimido de sua própria inferioridade. Aos gregos, os latinos reprovam serem afetados, covardes, trapaceiros. É o reflexo do guerreiro bárbaro e pobre diante do civilizado rico.

A riqueza de Bizâncio é, enfim, a última censura e a primeira avidez dos latinos. Em todos os cronistas das primeiras cruzadas que passam por Constantinopla, a admiração inspira uma descrição deslumbrada. Para estes bárbaros que vivem miseravelmente em fortalezas primitivas ou em pequenos burgos miseráveis – as "cidades" ocidentais contavam com apenas alguns milhares de habitantes e desconheciam o urbanismo -, Constantinopla, com seu provável milhão de habitantes e suas riquezas monumentais, seus estabelecimentos comerciais, revela-lhes o que é uma cidade.

[..] Mesmo para os Ocidentais que não contemplaram suas maravilhas, Bizâncio era vista na Idade Média como a fonte de quase toda a riqueza, porque de lá os latinos traziam as mais preciosas importações, ali produzidas ou distribuídas. De lá vinham os tecidos preciosos – a fabricação da seda permanece durante muito tempo um segredo, que Bizâncio soube

arrancar à China no século 6º -, de lá vinham a moeda de ouro, inalterada até o fim do século 11, que os Ocidentais chamarão muito simplesmente de “bizantino”, o besante, verdadeiro dólar da Idade Média.

No domínio espiritual certos empréstimos eram às vezes recebidos com reconhecimento e deslumbramento. Os teólogos ocidentais do século 12 descobrem, ou redescobrem, a teologia grega, e alguns saúdam esta luz que vem do Oriente: Quia latinitas penuriosa est... (Porque a latinidade é indigente..)” (2005, p. 136-137).

Para finalizar, vejamos uma síntese de características do Império Bizantino, conforme lista original de Giordani:

1. “Em primeiro lugar a falta de unidade racial. Os (romanos) do Oriente eram na realidade gregos, egípcios, semitas, etc ...
2. Falta de unidade lingüística: embora o latim permanecesse, durante muito tempo, a língua oficial, sofria, contudo, a forte concorrência do grego. Este era falado por uma grande parte da população; outra boa parte falava diversos dialetos Orientais:
3. Grande influência dos problemas religiosos. Os bizantinos não se entusiasmavam somente com corridas de circo ou com sucessões imperiais. As disputas teológicas repercutiam intensamente em todas as camadas da população, produzindo, não raro, violentíssimas reação, como v.g. no caso das imagens.

## CONCLUSÃO

Após a ruína do Império Romano do Ocidente por força das invasões dos bárbaros o Império Oriental, que conseguiu resistir aos ataques, foi aos poucos se distanciando dos costumes e do modo de vida predominantes a partir de então no Ocidente, embora seu imperador tenha mantido até o século VIII a autoridade nominal sobre todo o Império Romano.

A fusão de elementos culturais greco-romanos e orientais, que se cruzaram especialmente em Constantinopla, forneceram a base de uma nova civilização, a Bizantina, causadora de admiração e também de inveja aos latinos.

Representado por cidades populosas e por construções prestigiosas, a exemplo da Igreja de Santa Sofia na moderna Istambul, por uma intensa atividade industrial e comercial, por uma produção artística que reflete as várias influências recebidas e por rica literatura e filosofia, ao Império Bizantino coube ainda o mérito de ter protegido a Civilização cristã ocidental dos ataques dos muçulmanos.

Tendo sobrevivido por quase um século após a queda de Roma frente aos germânicos, o Império Bizantino após resistir a várias incursões de povos bárbaros às suas fronteiras, acabou por ser derrotado pelos Turcos no ano de 1453.

4. Outro traço característico de Bizâncio é o fato de haver sido o Império do Oriente, durante muitos séculos, o grande baluarte da Cristandade contra os ataques muçulmanos.
5. Bizâncio constituiu também, por muito tempo, o centro conservador e irradiador da cultura clássica. Enquanto esta sofria no Ocidente a grave ameaça dos bárbaros, em Constantinopla se desenvolvia uma intensa atividade intelectual.
6. Para não nos alongarmos sobre esses e outros traços característicos [...] vamos encerrar essa enumeração tentando caracterizar a Civilização Bizantina com três palavras.

Foi oriental, grega e romana. Mais grego-romana que oriental. Encontramos influencias orientais no campo artístico (arquitetura, arte decorativa), no campo jurídico (no direito penal) e no terreno político (v.g., a concepção persa da monarquia como um dom de Deus misturada com a teoria romana do imperium do magistrado).

A Roma Oriental foi grega pela língua, pela literatura, pela teologia e pelo culto; foi romana na tradição militar (os soldados aclamavam os novos imperadores em latim, enquanto a população o fazia em grego), no direito, na diplomacia, nas finanças e na concepção da supremacia do estado e do governo central.” (1968, p. 36).

## RESUMO

Caros alunos. Como vocês sabem, o desmembramento do Império Romano no ano de 395 marca o início de duas histórias: a do Império Romano do Ocidente e a do Império Romano do Oriente. Enquanto o primeiro teve vida breve, pois desapareceu no ano 476, o segundo durou mais de mil anos, datados da divisão até a  tomada de Constantinopla pelos Turcos.

No entanto, é preciso recordar o entendimento dos estudiosos, para os quais do século VIII em diante o Império Bizantino substituiu o Império Romano do Oriente, e que tal fato foi resultado de um conjunto de circunstâncias que acabaram por dar um novo perfil à Civilização Bizantina.

A adoção da língua grega e de uma cultura que mesclava influências greco-romanas e orientais, o dinamismo do comércio e das cidades, a relação do Estado com a Igreja, as querelas religiosas, a arte expressa nas grandes obras de  arquitetura, na madeira, nos vitrais, nos tecidos, nas miniaturas dos manuscritos, por exemplo, são alguns dos elementos que caracterizam a nova civilização.

## ATIVIDADES

1. Identifique no texto características da Civilização Bizantina que exemplificam sua originalidade em relação ao Ocidente e pesquise mais sobre o assunto.
2. Procure localizar no mapa as os territórios compreendidos no Império Bizantino.

## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos as características da Igreja Ocidental na Alta Idade Média.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**: História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999.
GIORDANI, Mário Curtis. **História do Império Bizantino**. Petrópolis: Vozes, 1968.
LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.
PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
PERROY, Édouard. **Preeminência das Civilizações Orientais**. In: CROUZET, Maurice. **História Geral das Civilizações**. v. 1. Tomo III. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
Atlas da História do Mundo. Folha de São Paulo.